

## CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.  
Dra Juliana Barreto Farias.

Site/contato

<https://revistas.unilab.edu.br/>

Email: leyva@unilab.edu.br

Email: julianafarias@unilab.edu.br

### **História e historiografia da imprensa angolana oitocentista: arquivos, acervos e fontes**

Eduardo Antonio Estevam Santos\*

**Palavras-chave:** Imprensa, Acervos, Angola Oitocentista

A primeira versão dos dados presentes neste artigo foi originalmente publicado na Revista Crítica Histórica<sup>1</sup>. Neste trabalho, apresentaremos uma versão reduzida, porém atualizada, como resultado da apresentação oral no I – Seminário Brasileira Afro-Asiático – arquivos, acervos e fontes<sup>2</sup>. As informações aqui presentes sobre arquivos, acervos e fontes têm por base meu campo de pesquisa e minhas publicações, sendo assim, nosso marco temporal tem início em 1845, com o surgimento do *Boletim do Governo Geral da*

---

\*Professor adjunto do Instituto de Humanidades e Letras do campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: eduardoestevame@unilab.edu.br

<sup>1</sup> História e historiografia da imprensa angolana oitocentista: notas teóricas e metodológicas. Apresentado no Simpósio Temático Histórias de África, Histórias da Diáspora: diálogos, abordagens, conexões, parte integrante do 12º Encontro Nacional de História e 1º Encontro Internacional de História da Universidade Federal de Alagoas, realizado virtualmente entre os dias 8 e 10 de setembro de 2021.

<sup>2</sup> Realizado no dia 04 de julho de 2023 no Auditório CEPAIA – UNEB/UNILAB, Santo Antonio Além do Carmo, Pelourinho, Salvador, Bahia.

*Província de Angola*, e a década de 1890, o encerramento desse ciclo, quando passou-se rapidamente do momento liberal, quanto ao comércio e à administração, para um novo sistema colonial.

Podemos destacar na historiografia dos estudos de periódicos, especificamente oitocentistas, as seguintes obras e autores seminais (não obstante, a produção de artigos e livros é muito extensa, o que nos faz correr o risco de omitir alguns trabalhos): *Subsídios para a história do jornalismo nas províncias ultramarinas*, de Brito Aranha, editada em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em 1885; *Para a História da Imprensa de Angola*, publicado em 1962, e *Jornalismo de Angola – subsídios para a sua história*, editado em 1964, são as principais contribuições de Julio de Castro Lopo para a historiografia da imprensa angolana; Carlos Erverdosa, *Roteiro da Literatura Angolana*, publicado em 1979; Vittorio Salvadorini, *Os primeiros números de um jornal de Angola: O Cruzeiro do Sul*, apresentado em 1989 na I Reunião Internacional de História da África; Rosa Cruz e Silva, *O nacionalismo angolano. Um projeto em construção no século XIX? Através de três periódicos da época: O Pharol do Povo, O Tomate e O Desastre*, apresentado no II Seminário sobre a História de Angola; Fernando Gamboa, *A guerra luso-dêmbica, através de um periódico oitocentista angolense (1872-1885)*, trabalho apresentado no Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola, atividade integrante da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, em 1997; João Pedro da Cunha Lourenço, *A dinâmica e o estatuto dos Jornalistas em Angola no período da imprensa livre (1866-1923)*, publicado pela União dos Escritores Angolanos.

Entrando de fato no subtítulo deste trabalho, informamos que os maiores centros de pesquisa para consulta de periódicos (jornais, revistas, anuários, boletins ou publicações seriadas) sobre Angola oitocentista são a Biblioteca Nacional de Portugal e o Arquivo Histórico Nacional de Angola, locais onde podem ser encontrados a totalidade dos períodos até então preservados e disponíveis para consulta. Originalmente todos os periódicos, ou seja, cerca de 163 títulos, produzidos entre 1867 e 1968, se encontravam na Biblioteca da Câmara Municipal de Luanda.<sup>3</sup> Fora desses centros, é possível encontrar alguns periódicos dispersos, temos como exemplo a Biblioteca Nacional do Brasil que disponibiliza gratuitamente em seu acervo digital a coleção completa do jornal *A Civilização da África Portuguesa*, que circulou entre 1867 e 1869. No entanto, a

---

<sup>3</sup> Vittorio Salvadorini informa, em *Os primeiros números de um jornal de Angola: O Cruzeiro do Sul*, que até a realização da sua pesquisa, em 1968, existiam 163 periódicos.

Biblioteca Nacional de Portugal disponibiliza um número mais amplo de títulos que os arquivos angolanos, uma vez que o processo de digitalização foi mais dinâmico que os arquivos de Angola. Neste sentido, até então, não se encontram disponíveis jornais digitalizados no acervo da Biblioteca Nacional de Angola. Desta forma, as pesquisas só podem ser realizadas presencialmente e nem todos os títulos estão disponíveis em sua integridade, em função do estado de conservação. Com os avanços nos processos de digitalização de documentos, o campo da história digital tornou-se uma área promissora, uma das formas possíveis de mediação para abordar e analisar o passado utilizando as novas tecnologias de comunicação, com metodologias intrínsecas ao meio digital.

A história da imprensa angolana tem início em 1836, quando o ministro Bernardo de Sá Nogueira e Figueiredo (1785-1876) autorizou no artigo 13.º do decreto de 7 de dezembro a criação, nas possessões ultramarinas portuguesas, de publicações que pudessem transmitir informações militares, civis, legais, comerciais e gerais. O *Boletim do Governo Geral da Província de Angola* foi pioneiro, editado em 1845. A imprensa não oficial teve sua primeira aparição em 1852 com o periódico *Almanak Estatístico da Província de Angola e suas Dependências*. O *Aurora* foi o terceiro semanário fundado em Angola, em 1856. Impresso pela tipografia do governo, suas intenções eram exclusivamente literárias. O primeiro periódico noticioso, que inaugurou a chamada imprensa livre, *A Civilização da África Portuguesa*, teve o seu primeiro número editado em 6 de dezembro de 1866, esse impresso foi um marco na história do jornalismo angolano. Alguns meses depois, surgiu o *Comércio de Luanda*. Na década de 1870 surgiram mais sete periódicos: *O Progresso* (1870), *O Mercantil* (1870), *O Almanach Popular* (1872), *O Cruzeiro do Sul* (1873), *O Meteoro* (1873), *Correspondência de Angola* (1875) e o *Jornal de Luanda* (1878). *O Progresso* surgiu em Benguela. O *Almanach* era composto e impresso nas oficinas do *Mercantil*. O *Correspondência de Angola* foi um jornal noticioso, literário e político e, assim como *O Meteoro*, também teve uma curta duração. Não era comum apresentar a tiragem das edições, apenas *O Mercantil* o mencionava. Com publicações semanais, sua tiragem era de 700 exemplares. Esse periódico foi o semanário de maior duração na segunda metade do século XIX em toda Angola. Nas décadas de 1880 e 1890: *Noticiário de Angola* (1880), *Boletim da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Geográfico - Africano de Luanda* (1881), *Gazeta de Angola* (1881), *O Echo de Angola* (1881 -1882), *O Jornal de Mossamedes* – (1881 -1882), *O Ultramar* (1882), *A Verdade* (1882), *A União Africano-portuguesa* (1882 -1883), *O Raio*

(1884), *O Bisnaga* (1884), *O Futuro de Angola* (1882 - 1894), *O Pharol do Povo* (1883 - 1885), *O Rei Guilherme* (1886), *O Arauto dos Concelhos* (1886), *O Serão* (1886), *A Tesourinha* (1886), *O Exército Ultramarino* (1887 - 1888), *O Progresso de Angola* (1887), *O Foguete* (1888), *Mukuarimi* (1888), *Muen Exi* (1889), *Arauto Africano* (1889 - 1890), *O Desastre* (1889 -1890), *O Tomate* (1889 -1891), *O Correio de Luanda* (1890), *O Chicote* (1890), *Os Concelhos de Leste* (1891), *Notícias de Angola* (1891), *O Polícia Africano* (1890-1891), *Commércio d'Angola* (1892), *O Sul de Angola* (1892 -1893), *A Província* (1893), *O Independente* (1894), *Bofetadas* (1894-1895), *O Imparcial* (1894-1895/1898), *Propaganda Colonial* (1896), *O Santelmo* (1896), *Revista de Luanda* (1896), *Propaganda Angolense* (1897), *A Folha de Luanda* (1899).

Em linhas gerais, a imprensa oitocentista foi um fórum de exposições de ideias, debates e críticas, um veículo mediador e propulsor de reformas, por vezes, crítico ao sistema colonial. Uma imprensa noticiosa, opinativa, ideológica e, a partir da promulgação da lei de liberdade de imprensa, constituiu-se numa força política vigorosa, com suas ligações com diferentes poderes. Sua recepção e audiência no âmbito do sistema colonial português motivou revoltas, contestações, crises, daí as constantes censuras ao periodismo angolano.

### Referências Bibliográficas

BRASIL, Eric & NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. “História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa Histórica”. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, vol 33, nº 69, p. 196-219, janeiro-abril 2020.

DIAS, Jill. & VALENTIN, Alexandre. *Nova História da Expansão Portuguesa. O império africano – 1825-1890*. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

FONSECA, Isadora de Ataíde. *A imprensa e o império na África portuguesa – 1842-1974*. Lisboa: Edições 70, 2019.

SANTOS, Eduardo A. Estevam. “Tratamos de conceder a liberdade aos escravos, e não de escravizar os homens livres: os debates sobre o fim do tráfico de escravos e da abolição da escravatura na imprensa periódica angolana do século XIX”. Revista *Almanack*, Guarulhos, n.32, 2022.

\_\_\_\_\_. “Antonio Urbano Monteiro de Castro: a Imprensa a serviço da dominação colonial portuguesa em Angola oitocentista”. *Cadernos de África Contemporânea*, Vol.03, nº. 06, ano 2020, pp. 69-88.

\_\_\_\_\_. “Imprensa, raça e civilização: José de Fontes Pereira e o pensamento intelectual angolano no século XIX”. *Afro-Ásia*, n. 61 (2020), pp. 125-166.